

## Júlio Conrado ou a Memória de Abril

Retomando a forma e o sentido de pela memória recuperar o tempo vivido e experimentado, mesmo no desvairado correr dos anos e dos registos que de tudo ainda se pode guardar, Júlio Conrado assume na narrativa **Era a Revolução** agora reeditada a mesma intenção de pela factualidade histórica querer retratar a presença de um tempo de vivência e descoberta, por entre medos, esperanças e frustrações, entrecruzado de anotações referenciais, mas repetindo, no alargado fio narrativo do discurso ficcional, como acontecera já em *Gente do Metro* ou *As Pessoas de Minha Casa*, esse trajecto da realidade que bem conheceu, vivida e observada nos confrontos trazidos da vida e do convívio com os outros. E assim a ficção de Júlio Conrado se desdobra por lugares de experiências sentidas bem de perto e por dentro, nas imagens de certezas e muitos desencantos antes e depois da revolução de Abril, a que esta narrativa claramente se reporta.

Mas de que fala realmente **Era a Revolução**? Fala-nos de um tempo de sonho e de libertação, mas também de angústia e desencanto nos valores que se defenderam e depressa entraram nos mesmos eixos de uma quase repetida normalidade, sem que as preocupações vivenciais ou ideológicas conhecessem o rumo de uma certa utopia ou a veemência tivesse dado lugar a um vago sentido de desilusão e de frustração nas relações de poder ou de trabalho. Como observa Eduardo Lourenço, em carta a Júlio Conrado de 20 de Janeiro de 1978, trata-se na verdade de *'um texto explosivo, libertador, em todos os sentidos do termo. Não nos falhou em tudo a falhada revolução. Ajustou caras a máscaras e subtraiu carne viva a máscaras. Já é alguma coisa. É mesmo muito'*. Porém, nos limites mais toleráveis ou no entendimento que os anos passados de algum modo já permitem estabelecer, sabe-se que nem tudo foi perdido e o que o sobrou desse grito de utopia que perpassa sentidamente nas páginas desta narrativa de Júlio Conrado publicada há vinte anos e agora reescrita, não para alterar um claro sentido de interpretação ou de denúncia do que se passou, mas sobretudo no propósito de reabilitar com outros olhos essa mesma utopia revolucionária. E assim o que interessa pôr em destaque na releitura de **Era a Revolução** é essa cumplicidade narrativa e romaneada de o autor, numa linguagem despojada e desenvolta, sentida e experimentada ao rés das águas do tempo e das várias histórias interligadas, querer dar ao leitor essa dimensão humana que mais se valoriza em todos os elementos estruturais do livro: diálogos soltos, descrições vivias de pessoas e lugares, uma linguagem incisiva na definição dos breves episódios que atravessam toda a narrativa, numa bem elaborada recorrência à memória como forma discursiva de aliar todos os pedaços dessa realidade fixada em pormenores bem subtis ou inesperados:

*'Confiámos tanto na maturidade daquele Abril! Por algum tempo, roubou-nos aos silêncios que começavam a pesar como presságios nefastos na segura das nossas noites. Eu chegava a casa morto de cansaço. Depois de trabalhar no Banco metia-me no café, onde escrevia críticas sobre livros para uma revista que aparecia às sextas. À noite, estava estoirado. E o silêncio veio, os silêncios, sorrateiros, alastrando, imparáveis, como lepra. Começou o aprendizado da disciplina do vazio. A satisfação doméstica da náusea. O princípio do fim? Como e quando se pôs o silêncio a minar um pacto conjugal até então irrepreensível? Não sei. As palavras de antes do silêncio? Algumas resistiram. As dela. As minhas deixei-as escorregar, por alçapões definitivos, para um lixo não menos definitivo'*, pág.42

Ora, pela consciência desse vazio ou conspiração de muitos silêncios que se conheceram um pouco por toda a parte, no sentido perdido de certas palavras ainda fazerem sentido, **Era a Revolução** recupera, a mais de vinte anos de distância, essa 'memória do tempo' ou o propósito denunciador de muito se ter pedido e poucos terem sido os ganhos numa época que durou poucos meses, foi tão conturbada e ainda hoje existem sinais de que nem todo o vazio humano e social se preencheu.

Por isso, tal como já acontecera em *As Pessoas de Minha Casa*, ponto alto na sua ficção literária, esta narrativa testemunha uma vez mais que, nos limites da memória, Júlio Conrado sabe povoar o passado e o presente com outra gente que andou nos caminhos cruzados da sua pessoal experiência, retratada com toda a verdade e rigor ficcional.

**Serafim Ferreira**

JÚLIO CONRADO  
**ERA A REVOLUÇÃO**, 2ª. edição  
Editorial NOTÍCIAS / Lisboa, 1997.